



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA - CAEN  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA - MPE**

**JULIANO JOÃO ROMCY CÂMARA**

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE PIMENTA-DO-REINO  
DO PARÁ E DO BRASIL NO PERÍODO DE 1997 A 2007 E PERSPECTIVAS DE  
COMÉRCIO**

**FORTALEZA  
2010**

**JULIANO JOÃO ROMCY CÂMARA**

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE PIMENTA-DO-REINO  
DO PARÁ E DO BRASIL NO PERÍODO DE 1997 A 2007 E PERSPECTIVAS DE  
COMÉRCIO**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Economia – Mestrado Profissional – da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia.

Área de Concentração: Economia de Empresas

Orientador: Prof. Dr. João Mário Santos de França

**FORTALEZA  
2010**

**JULIANO JOÃO ROMCY CÂMARA**

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES DE PIMENTA-DO-REINO  
DO PARÁ E DO BRASIL NO PERÍODO DE 1997 A 2007 E PERSPECTIVAS DE  
COMÉRCIO**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Economia – Mestrado Profissional – da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Economia. Área de Concentração: Economia de Empresas

Data de Aprovação: **05 de março de 2010.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Mário Santos de França  
Orientador

---

Prof. Dr. Ricardo Brito Soares  
Membro

---

Prof. Dr. Ricardo Antônio de Castro Pereira  
Membro

Aos meus pais: Ruy Teixeira Câmara e Helena Maria Romcy, pelo amor, dedicação e pelo esforço destinado a educação dos filhos. Aos meus irmãos: Juliana, Lara, Davi e Lia (in memoriam), pelo apoio e carinho dedicados a mim nesta longa jornada. À minha sobrinha Júlia, pela constante alegria proporcionada a cada momento de sua presença.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao diretor executivo da Amberwood Trading Ltd, e amigo, Jeremy Holt, pelos debates e ensinamentos acerca do tema e, sobretudo pela oportunidade de atuar no mercado.

Aos meus professores da UFC, que me proporcionaram ensinamentos que me serão valiosos ao longo da vida.

Agradeço em particular ao professor, orientador e amigo Dr. João Mário Santos de França, que orientou o meu trabalho de dissertação de mestrado com total atenciosidade e sempre me ajudando com comentários e conselhos de grande valor.

Aos amigos e colegas adquiridos ao longo desses dois anos de mestrado, e em especial: Emmanuel, Cristiane, Francisco e Adaíla.

À minha namorada Andréa Macêdo Cunha, pela compreensão, incentivo e paciência de estar ao meu lado durante a finalização dessa tese de mestrado.

## RESUMO

O Brasil e, particularmente, o Estado do Pará vem aumentando consideravelmente seus valores de exportações de pimenta-do-reino, e conseqüentemente gerando divisas para o país. Entretanto, pouco se sabe a respeito do grau de competitividade do estado do Pará em relação aos outros estados produtores, bem como o grau de competitividade do Brasil em relação aos outros países produtores. Para tanto, procurou-se identificar qual o desempenho competitivo do Pará em relação aos outros estados produtores e conseqüentemente do Brasil em relação a seus concorrentes nesse segmento. Para atingir esta proposta foram traçados os seguintes objetivos: analisar a competitividade das exportações de pimenta-do-reino do Pará e do Brasil no período de 1997 a 2007 e apresentar as principais conclusões e perspectivas de comércio. A análise foi baseada no conceito de competitividade compreendida como: capacidade de uma empresa ou país permanecer no mercado através de uma posição competitiva criada para um produto ou grupo de produtos, sendo essa, fruto de estratégias capazes de manter ou elevar eficientemente a posição competitiva no comércio internacional. A metodologia utilizada baseou-se na análise tabular descritiva e no cálculo de indicadores de desempenho das exportações: Vantagem Comparativa Revelada (VCR); Taxa de Cobertura (TC); Intensidade de Comércio (IC) e Posição no Mercado Mundial (Sik). Os resultados demonstram que tanto o estado do Pará quanto o Brasil foram competitivos no comércio internacional de pimenta-do-reino durante todo o período analisado, onde apresentaram VCR e TC superiores a unidade, indicando, assim, eficiência e dinamismo comercial. A análise do Índice de Intensidade de Comércio (IC) demonstrou que as maiores tendências de comércio bilateral do estado do Pará foram, pela ordem de importância, com a Argentina, México e Espanha e para o Brasil, também em respectiva ordem de importância, foram: Argentina, Espanha e México. Pelo indicador de Posição no Mercado Mundial (Sik), constatou-se que apenas o Vietnã e o Brasil apresentaram ganhos de mercado ao longo de todo período estudado. Apesar de o Vietnã ter absorvido grande parte da fatia de mercado mundial ao longo desses últimos 10 (dez) anos, o Brasil também conquistou uma pequena parte desse mercado, o que nos leva a crer que, com a incorporação de tecnologias voltadas para a produção qualitativa da pimenta-do-reino, juntamente com uma elaboração de um plano de marketing sistemático, o Brasil se tornará mais competitivo e, conseqüentemente, terá condições de ampliar consideravelmente a sua participação no comércio internacional dessa especiaria.

**Palavras-Chaves:** Competitividade. Indicadores de Desempenho. Comércio Internacional. Exportação. Importação. Especiarias. Pimenta-do-reino. Pará. Brasil.

## ABSTRACT

Brazil and particularly the state of Pará is increasing considerably its export values of black and white pepper and thus generating income for the country. However, little is known about the degree of competitiveness in the state of Pará in relation to other producing states as well as the degree of competitiveness of Brazil in relation to other producing countries. To understand this better we sought to identify the competitive performance of the state of Pará relative to the other producing states of Brazil and consequently in relation to its competitors in this segment. To achieve this proposal were outlined the following objectives: To analyze the competitiveness of black and white pepper from Pará and Brazil in the period between 1997 to 2007 and present the main conclusions and trade prospects. The analysis was based on the concept of competitiveness understood as: The ability of a company or country to stay in business through a competitive position created for a product or product group, and that the fruit of its strategies are capable of effectively maintaining or increasing efficiently its competitive position in the international market. The methodology used was based on descriptive tabular analysis and index calculation of export performance: Revealed Comparative Advantage (VCR); Coverage Rate (TC) Trade Intensity (IC) and Position in the World Market (Sik). The results showed that the state of Pará and the country as a whole were competitive in the international trade of black and white pepper during the period under investigation with the VCR and the TC above the standard index, indicating efficiency and commercial dynamism. The analysis of the Trade Intensity Index (IC) showed that the major trends in bilateral trade in the state of Pará were, in order of importance; Argentina, Mexico and Spain while for Brazil as a whole, also in order of importance were; Argentina, Spain and Mexico. According to the Position in the World Market index (Sik), it was found that only Vietnam and Brazil had market share gains throughout the entire period under study. Although Vietnam has absorbed much of the global market share over the last ten years, Brazil has also gained a small part of that market, which leads us to believe that with the adoption of technologies for quality production of black and white pepper together with the development of a systematic marketing plan, Brazil will ultimately become more competitive and will therefore be able to considerably expand its participation in international trade in this product.

**Keywords:** Competitiveness. Performance Indexes. International Trade. Export. Import. Spices. Black Pepper. White Pepper. State of Pará. Brazil.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Valor das exportações de pimenta-do-reino dos principais países produtores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000 FOB).....	18
TABELA 2 - Valor das importações de pimenta-do-reino dos principais países importadores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000)..	21
TABELA 3 - Valor das importações de pimenta-do-reino dos principais países produtores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000).....	23
TABELA 4 - Indicador de vantagem comparativa revelada de pimenta-do-reino dos principais estados exportadores brasileiros em relação ao comércio mundial (1997 a 2007).....	26
TABELA 5 - Indicador de vantagem comparativa revelada de pimenta-do-reino dos principais exportadores mundiais (1997 a 2007).....	28
TABELA 6 - Taxa de cobertura de pimenta-do-reino dos principais estados exportadores do Brasil em relação ao comércio mundial (1997 a 2007).....	31
TABELA 7 - Pontos fortes e pontos fracos dos principais estados brasileiros exportadores de pimenta-do-reino em relação ao comércio mundial (1997 a 2007).....	32
TABELA 8 - Taxa de cobertura de pimenta-do-reino dos principais exportadores mundiais (1997 a 2007).....	33
TABELA 9 - Pontos fortes e pontos fracos dos principais países exportadores de pimenta-do-reino em relação ao comércio mundial (1997 a 2007).....	34
TABELA 10 - Indicador de intensidade de comércio de pimenta-do-reino do Pará e seus parceiros comerciais (1997 a 2007).....	36
TABELA 11 - Indicador de Intensidade de comércio de pimenta-do-reino do Brasil e seus parceiros comerciais (1997 a 2007).....	38
TABELA 12 - Indicador de posição no mercado mundial de pimenta-do-reino do Brasil e seus concorrentes (1997 a 2007).....	40



## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Exportações de pimenta-do-reino dos principais países produtores.....	20
GRÁFICO 2 - Exportações de pimenta-do-reino dos membros de pleno direito da <i>International Pepper Community</i> (IPC).....	20
GRÁFICO 3 - Importações de pimenta-do-reino dos principais países importadores.....	23
GRÁFICO 4 - Importações de pimenta-do-reino dos principais países produtores.....	24
GRÁFICO 5 - VCR dos principais Estados Exportadores Brasileiros.....	28
GRÁFICO 6 - VCR dos principais exportadores mundiais.....	29
GRÁFICO 7 - IC do Pará e principais parceiros comerciais.....	37
GRÁFICO 8 - IC do Brasil e principais parceiros comerciais.....	39
GRÁFICO 9 - Sik do Brasil e seus concorrentes.....	41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1	Histórico e Grau de Importância.....	10
1.2	Motivação para a Pesquisa.....	13
1.3	Objetivos.....	15
1.4	Fontes de Dados.....	16
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA e ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	17
2.1	Análise Tabular e Descritiva.....	17
2.2	Indicadores de Desempenho.....	17
2.3	Comportamento do Mercado Internacional de Pimenta-do-Reino.....	18
2.4	Indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	25
2.5	Taxa de Cobertura (TC).....	30
2.6	Indicador de Intensidade de Comércio (IC).....	35
2.7	Indicador de Posição no Mercado Mundial (Sik).....	39
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Histórico e Grau de Importância

A pimenta-do-reino (*Piper nigrum* L.) é um fruto de uma planta trepadeira de clima tropical úmido e origem indiana. Normalmente é encontrada nas faixas litorâneas e seu cultivo requer um clima quente, com precipitação pluviométrica acima de 1500 mm de chuvas distribuídas durante o ano, com temperatura média entre 25°C e 27°C e umidade relativa do ar em torno de 80%. O solo deve ser de textura mediana e bem drenado, com relevo plano ou levemente inclinado.

Considerada a mais importante especiaria exportada no mundo, a pimenta-do-reino é usada em grande escala de volume nas indústrias de carnes, conservas e embutidos. O interesse mundial por este condimento foi ampliado com as grandes navegações, quando os europeus foram buscar, pela primeira vez, grandes quantidades na Índia.

No Brasil, Nacif, Martins, Filgueiras e Leite (2005) afirmam que apesar da introdução da pimenta-do-reino em escala comercial ser creditada aos imigrantes japoneses em Tomé-Açu, em 1933, a sua introdução no país remonta desde os primórdios do Brasil Colônia. Em 1819, von Martius, na sua viagem pela Amazônia no período 1818-1820, observou a existência de pés de pimenta-do-reino nos quintais de Belém.

Três tipos de pimenta-do-reino destacam-se na produção e pauta de exportação brasileiras, são estas: pimenta preta, branca e verde, dos quais seus principais compradores internacionais são: Estados Unidos, Alemanha, França, México, Holanda, Argentina, Espanha, Egito, Rússia, Senegal, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Itália, Gâmbia, Venezuela, Peru, Romênia, Marrocos, Japão dentre outros compradores.

Segundo o Ministério da Agricultura em seu *Report* apresentado à IPC - *Intertational Pepper Community*<sup>1</sup> (2009), a pimenta-do-reino foi exportada pela primeira vez no Brasil em 1956. Desde então as exportações brasileiras desse produto vêm crescendo progressivamente, chegando a exportar quase 47.000 toneladas em 1981 e 1982, quando o país se tornou o maior produtor e exportador mundial (FAO, 2009).

Em 1991, o Brasil consolidou a sua posição de principal produtor de pimenta-do-reino do mundo, com 83.906 toneladas, seguido pela Indonésia com 62.549 toneladas; Índia com 47.950 toneladas; Malásia com 29.069 toneladas; Tailândia 12.000 toneladas; e Vietnã com 11.540 toneladas (FAO, 2009). Devido ao *Fusarium*<sup>2</sup> a produção brasileira caiu drasticamente reduzindo, assim, sua participação na pauta de exportações.

No Brasil, os principais Estados produtores além do Pará, que é o principal, com aproximadamente 80% da produção nacional, temos também o Espírito Santo, com 15%; a com Bahia com 3,5%, e o Maranhão com 1,5%. (Dados do MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2009). Embora o Pará possua a maior área colhida, sua produtividade é relativamente mais baixa que os outros estados produtores, diminuindo assim a produtividade geral brasileira. Na Bahia, segundo Homma, Santana, Filgueiras e Santos (2003) a produtividade nos anos de 1995 e 1996 já é próxima de 3.000kg/ha.

Dada a importância em termos de geração de divisas e retenção da mão de obra no campo para os países produtores, não é de se duvidar que existam interesses acerca do comportamento do mercado dessa especiaria, como consequência, diversos estudos foram feitos abrangendo o comportamento de sua produção no Estado do Pará, destacando nessas três últimas décadas a perda gradativa de sua importância na economia brasileira, uma vez que o Pará continua como o principal exportador dessa especiaria.

---

<sup>1</sup> O Brasil faz parte da Comunidade Internacional da Pimenta-do-reino (IPC), criada em 1971, com sede em Jacarta, Indonésia, da qual também fazem parte a Índia, Indonésia, Malásia, Sri Lanka e Vietnã.

<sup>2</sup> Gênero de fungos que inclui espécies parasitárias que formam micélio septado e produzem macronídios, e que se podem desenvolver em matéria orgânica em decomposição, ou parasitar plantas ou insetos e crustáceos.

Para explicar a perda da importância econômica ao longo desses anos, Homma, Ferreira e Duarte (2005) destacaram que o Vietnã e Tailândia ampliaram a produção da pimenta-do-reino, ocupando o vácuo, em termos de mercado externo, deixado pelo Brasil desde a crise no final dos anos 80 e por quase toda a década de 90.

Segundo Homma, Santana, Filgueiras e Santos (2003 *apud* FILGUEIRAS; SANTANA, 2001), em estudo feito acerca do mercado de pimenta-do-reino, os mesmos concluíram que a oferta desse produto é inelástica a preço. Esse resultado era esperado, uma vez que a demanda desta especiaria se comporta de modo irregular devido às flutuações nos preços, ditadas pelo mercado internacional.

Nesse sentido, a produção agrícola da pimenta-do-reino ocorre em ciclos, como a maioria das culturas permanentes, pois os preços esperados pelos produtores situam-se acima ou abaixo do preço efetivamente recebido pela venda do produto ou pago pelo insumo adquirido, já que a expectativa formada com bases em preços passados pelos produtores é imperfeita de acordo com Homma, Santana, Filgueiras e Santos (2003 *apud* SANTANA *et al.*, 1995).

Da mesma forma que acontece com o sal de cozinha; não se consegue um aumento no consumo de pimenta-do-reino reduzindo-se o preço, conseqüentemente os maiores lucros são obtidos com preços elevados e produção reduzida segundo Homma, Ferreira e Duarte (2005).

Com relação à demanda mundial por este produto, os principais importadores em 2007 foram os Estados Unidos (63.941 toneladas); Alemanha (31.460 toneladas); Holanda (14.745 toneladas); Singapura (13.154 toneladas); Índia (13.301 toneladas); Reino Unido (7.201 toneladas); França (8.656 toneladas) (FAO, 2009). Diversos estudos realizados pela IPC apontam um aumento no consumo mundial de 3,46% ao ano.

Apesar da IPC ter um papel fundamental e de impacto no setor, não só aos membros associados, mas também aos países consumidores, a mesma carece de poder e execução de suas políticas e diretrizes no que diz respeito à produção,

mercadologia e uniformização mundial da pimenta-do-reino a ser exportada. Esta característica é inerente não só à IPC, mas a várias instituições e comunidades internacionais de comércio. A falta de transparência, de compromisso, desconfiança e omissão são atitudes adotadas tanto pelos membros de pleno direito como pelos membros associados que agem desta forma para levar vantagem em relação aos outros.

Apesar das dificuldades, há necessidade de se discutir diretrizes de produção bem como estabelecer especificações padronizadas e aceitas pelos países consumidores.

Segundo Nacif, Martins, Filgueiras e Leite (2005), a pimenta-do-reino chegou a representar mais de 35% do valor das exportações paraenses em 1975 e foi reduzida para menos de 2% em 2004, mas ainda tem uma importante contribuição futura e cabe aos produtores a tarefa de mantê-las de maneira mais sustentável possível.

Por se tratar de uma atividade agrícola importante para o estado do Pará e para o Brasil, existe uma grande carência de estudos e dados capazes de mostrar a competitividade do Brasil e as novas dinâmicas de mercado em relação a seus competidores nas exportações de pimenta-do-reino no período de 1997 a 2007.

## **1.2 Motivação para a Pesquisa**

A motivação que nos levou a pesquisar sobre o tema desta dissertação de mestrado surgiu quando nos deparamos na prática com a escassez de estudos e análises específicas quanto ao grau de competitividade das exportações de pimenta-do-reino brasileira e às perspectivas comerciais da pimenta-do-reino produzida no Brasil.

É importante ressaltar que durante as nossas pesquisas de campo, participamos de diversos encontros internacionais de grande importância para o

setor pimenteiro, tais como: da Conferência *World Spice Congress* (WSC) em Goa, Índia, *American Spice Trade Association Annual Meeting* (ASTA), em Orlando e Tucson, Estados Unidos e 37ª Seção da *International Pepper Community* (IPC), em Belém, Brasil e visitamos, *in loco*, as principais plantas de produção de pimenta-do-reino no Brasil e no Vietnã.

Nesses congressos e visitas colhemos informações valiosas para nortear este trabalho e tivemos o cuidado de registrar uma série de hipóteses que flutuam como verdades nas mentes dos produtores (pequenos, médios e grandes) e exportadores brasileiros. Algumas dessas hipóteses estimularam a nossa curiosidade e nos motivaram a fazer indagações sobre o futuro da produção e das exportações de pimenta-do-reino brasileira.

A título de ilustração, enumeramos algumas hipóteses que são discutidas segundo o ponto de vista dos diversos agentes que atuam no setor, e com as quais nos ocupamos por um longo tempo de análise e aferição das suas validades:

- Com o forte aumento na produção de pimenta-do-reino no Vietnã nos últimos 13 (treze) anos o Brasil não é mais uma origem competitiva na produção dessa especiaria.
- A cada ano que passa o estado do Pará vem perdendo competitividade na produção e exportação de pimenta-do-reino para o estado do Espírito Santo.
- Os produtores de pimenta-do-reino no Brasil sempre demonstraram grande capacidade de competitividade internacional e sempre foram capazes de superar as sazonalidades e as exigências dos mercados compradores.
- Os exportadores brasileiros de pimenta-do-reino não estão dispostos a comprometer parte do lucro de uma safra em novas tecnologias para melhorar a qualidade de seu produto.
- As exportações de pimenta-do-reino paraense são altamente dependentes das importações dos Estados Unidos e Europa,

conseqüentemente essas duas regiões possuem as maiores tendências de comércio bilateral com o Pará.

- Em vez de promover uma expansão desestruturada do cultivo de pimenta por pequenos produtores, o governo brasileiro deveria incentivar a agregação de valor ao produto brasileiro e corrigir com um planejamento de marketing o problema da rejeição da pimenta-do-reino de origem Brasileira pelos Estados Unidos e Europa.
- A tendência do mercado mundial é exigir dos exportadores um produto que não apresente aspectos de macro contaminação, como pedras, sementes de outros vegetais, insetos vivos ou mortos, inteiros ou fragmentos, bem como ausência de grãos mofados, metais, de salmonela<sup>3</sup>, coliformes fecais e resíduos de pesticidas.
- Se a classificação da IPC for adotada como padrão pelos países importadores, aqueles que não adequarem seus padrões de qualidade ou que persistirem em seus padrões de classificação antigos, por certo perderão suas cotas no mercado internacional.

### 1.3 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é:

- Analisar a competitividade das exportações de pimenta-do-reino do Pará e do Brasil no período de 1997 a 2007.

É importante salientar que esse estudo não abrange os anos 2008 e 2009 por absoluta falta de dados consolidados nos organismos internacionais e também nos países de economia fechada, como é o caso da Vietnã e China.

Como objetivos específicos pretende-se:

---

<sup>3</sup> Gênero de bactérias entéricas do homem e dos animais, o qual conta perto de mil sorotipos relacionados bioquimicamente



- Apresentar as principais conclusões e perspectivas de comércio.

#### 1.4 Fontes de Dados

As informações necessárias para determinação dos indicadores a serem utilizados neste estudo foram de origem secundária, obtidas na Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), do sistema ALICEWEB referente ao período de 1997 – 2007, dos quais foram coletados dados sobre exportação e importação do capítulo 9 - café, chá, mate e especiarias, classificados de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM).

É importante ressaltar que a classificação 0904.11.00 - PIMENTA "PIPER", SECA - são atribuídas tanto à pimenta-do-reino preta quanto a branca, e esta última em períodos normais de comércio é vendida com um *premium*<sup>4</sup> de 30 a 35 por cento do valor da preta.

As informações referentes ao comércio mundial do agronegócio foram retiradas da Food and Agriculture Organization of the United Nation (FAO), e os dados relacionados aos valores de exportações e importações dos países foram retirados do World Trade Organization (WTO). Os dados utilizados referem-se aos valores FOB (*Free on Board*) das exportações e importações e serão expressos em (US\$), no período de 1997 a 2007.

---

<sup>4</sup> Ágio, prêmio, recompensa.

## **2 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **2.1 Análise Tabular e Descritiva**

Foi empregada, para atender a todos os objetivos deste estudo, a análise tabular e descritiva. Esta técnica, de acordo com Gil (1997), permite relatar as características relativas ao objeto de estudo e apresentar os dados, de forma sistemática, permitindo que se tenha uma visão globalizada do que se está analisando.

### **2.2 Indicadores de Desempenho**

Os indicadores apresentados a seguir serão utilizados para atender o objetivo geral do estudo, ou seja, analisar se as exportações de pimenta-do-reino do Pará e do Brasil são competitivas em relação aos principais exportadores mundiais. Cada indicador e seus resultados apresentam informações que se complementam e ampliam o entendimento sobre a competitividade do setor.

Os indicadores de desempenho utilizados neste estudo são:

- a) Vantagem Comparativa Revelada;
- b) Taxa de Cobertura;
- c) Intensidade de Comércio;
- d) Posição no Mercado Mundial.

Os indicadores (a), (b) e (c) de comércio exterior têm como base Silva (2006) e o indicador (d) tem como referência Conceição e Gasques (2002).

### 2.3 Comportamento do Mercado Internacional de Pimenta-do-Reino

O mercado de pimenta-do-reino internacional é caracterizado e procurado por sua instabilidade de preços ocasionada pelas grandes oscilações da produção mundial. Um dos motivos desta grande oscilação nos preços deve-se ao seu cultivo estar localizado em pequenas regiões no mundo, situadas tanto ao norte, quanto ao sul, acerca da linha do Equador, onde se verifica variações climáticas, desastres naturais e pragas devido ao aquecimento global. Pode-se destacar que no Brasil, em especial, a praga é o maior inimigo do cultivo da pimenta-do-reino, e além de existirem estudos feitos pela EMBRAPA, o problema ainda persiste.

No cenário mundial, os principais países exportadores de pimenta-do-reino são Vietnã, Indonésia, Índia, Brasil e Malásia. Os perfis destes países exportadores são similares no que diz respeito ao seu baixo consumo interno e à grande exportação de seu excedente, com exceção da Índia, que por sua vez apresenta um grande consumo interno e uma cultura voltada ao comércio de especiarias em geral. Na Índia a pimenta-do-reino é mais do que uma *soft commodity*, e sim um produto cotado em bolsa de mercadorias. Como exemplo, temos a NCDEX – *National Commodity & Derivates Exchange Ltd.* e MCX - *Multi Commodity Exchange of India Limited*. Além disso, a pimenta-do-reino por ser um produto de longa perecibilidade, também há uma cultura de poupança relacionada a este produto em algumas cidades no sul da Índia.

Na Tabela 1, a seguir, observa-se a lista dos principais países exportadores do mundo de 1997 a 2007.

Tabela 1 - Valor das exportações de pimenta-do-reino dos principais países produtores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000 FOB)

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	59.376	77.670	87.448	69.275	59.677	59.466	58.771	65.073	56.245	85.278	117.198
China	15.899	4.642	10.657	4.003	7.378	12.483	9.601	7.642	5.481	24.437	18.810
Equador	6	20	116	205	542	2.571	3.273	4.241	3.251	3.138	2.616
Índia	131.172	146.020	164.402	70.617	41.589	35.900	27.422	26.781	35.276	73.017	128.855
Indonésia	163.145	188.920	191.241	221.090	100.507	89.197	93.445	55.637	58.437	77.258	132.497
Madagascar	2.838	1.135	2.445	1.432	1.438	1.421	1.518	951	1.791	3.429	4.360
Malásia	84.000	92.957	106.783	97.343	49.324	38.368	33.097	31.656	32.190	39.465	54.691
Sri Lanka	13.736	25.771	18.280	20.647	5.954	15.345	12.777	9.237	12.212	15.623	22.737

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Tailândia	1.932	2.006	3.082	2.010	942	1.239	1.293	1.516	1.155	934	1.710
Vietnã	67.501	64.449	137.263	145.700	91.237	109.310	104.569	149.552	150.482	186.515	271.011
<b>Total</b>	<b>539.605</b>	<b>603.590</b>	<b>721.717</b>	<b>632.322</b>	<b>358.588</b>	<b>365.300</b>	<b>345.766</b>	<b>352.286</b>	<b>356.520</b>	<b>509.094</b>	<b>754.485</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO (2009).

De acordo com a Tabela 1, nota-se que do ano de 1997 ao ano de 1999 os valores das exportações mundiais vinham aumentando em quase todos os países resultando, assim, um valor total nas exportações de US\$ 721.717.000 em 1999. Logo em seguida, em 2000, os valores totais de exportação caem aproximadamente 12% em relação ao ano anterior e em 2001, caem aproximadamente 50% em relação ao mesmo período. De 2001 a 2005 os valores se mantêm estáveis, porém em baixa, quando voltam a subir, em 2006 e em 2007, atingindo o ápice, com valores totais de exportações de aproximadamente 5% acima em relação ao ano de 1999.

No Gráfico 1 nota-se que embora todos os países sigam basicamente a mesma tendência em seus valores de exportações resultantes de sua oferta e de preço, pode-se destacar o Vietnã, com crescimento constante nos valores de suas exportações, correspondendo a aproximadamente 13% de todas as exportações mundiais em 1997 e aproximadamente 36% em 2007.

Por outro lado a Malásia apresentou uma perda significativa de mercado ao longo dos anos, com a aproximadamente 16% de todas as exportações mundiais em 1997 e aproximadamente 7% em 2007.

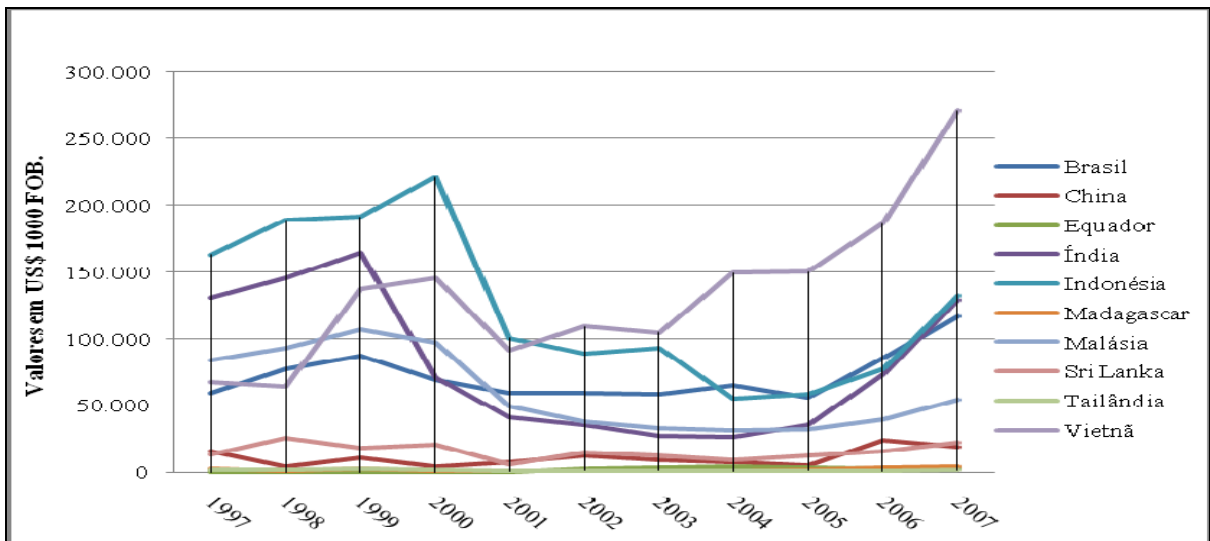


Gráfico 1 - Exportações de pimenta-do-reino dos principais países produtores  
Fonte: Elaboração do autor

Para uma melhor visualização segue o Gráfico 2 de exportações de pimenta-do-reino dos membros de pleno direito da *International Pepper Community* (IPC).

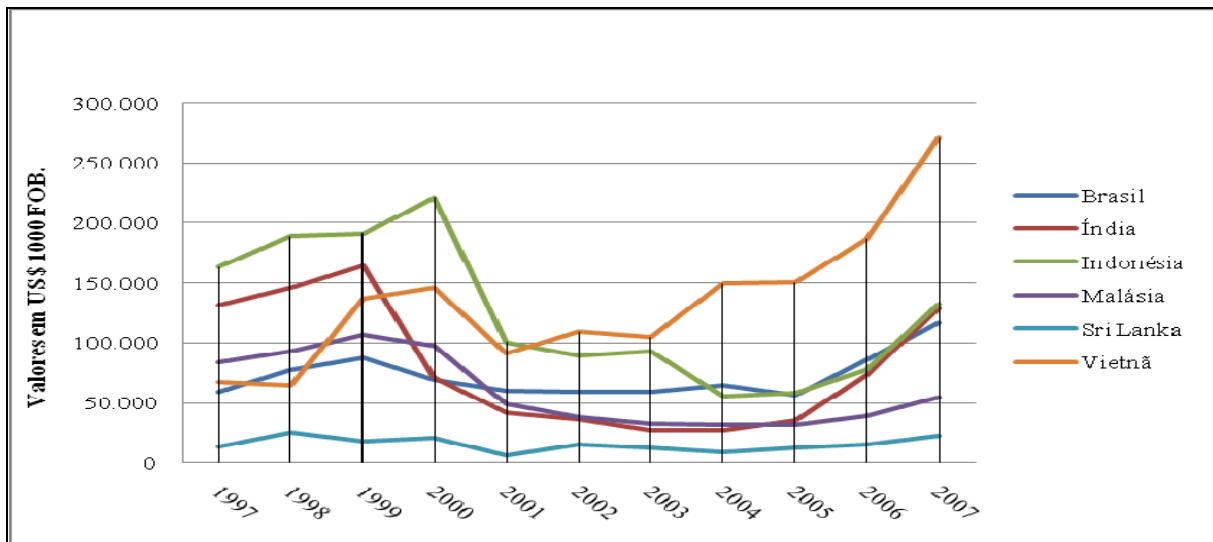


Gráfico 2 - Exportações de pimenta-do-reino dos membros de pleno direito da *International Pepper Community* (IPC)  
Fonte: Elaboração do autor

Na importação analisa-se a situação de uma forma um pouco diferente, uma vez que essa operação pode ser vista em função do próprio consumo, como também, pela forma especulativa de alguns países denominados de *trading countries*. Estes países possuem fortes características comerciais ao longo da

história a exemplo da Cingapura, Holanda e Emirados Árabes Unidos e segundo Câmara (1999), estes países muitas vezes dão liquidez e dinamismo ao mercado.

Os mecanismos de importação se dão por meio da re-comercialização/re-exportação da pimenta-do-reino para outros países consumidores, razão pela qual pergunta-se por que motivo os países consumidores não compram direto de países produtores?

A resposta é simples: esses países estão dispostos a assumirem riscos, tais como: de financiamento de produção; de vendas futuras; de contratos de opções e etc.

A importação neste trabalho é analisada de duas formas:

- a) Pelos valores de importações gerais, incluindo os considerados *trading countries*, que por sua vez também são consumidores;
- b) Pelos valores de importações de países produtores.

Na Tabela 2, a seguir, estão os principais países importadores de 1997 a 2007:

Tabela 2 - Valor das importações de pimenta-do-reino dos principais países importadores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000)

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Estados Unidos	193.540	223.594	275.465	263.317	150.556	100.572	120.330	114.191	109.726	135.476	208.480
Alemanha	75.779	85.319	102.625	81.024	48.020	41.113	52.314	53.043	46.759	60.562	112.480
França	36.431	43.898	43.884	37.733	22.572	22.223	26.379	20.969	20.825	22.902	33.613
México	6.798	8.951	9.483	9.946	9.497	5.823	4.003	5.694	5.214	5.965	7.361
Holanda	63.803	79.202	97.104	80.393	1.311	36.943	41.271	29.399	24.669	32.767	50.223
Argentina	7.923	10.012	9.162	7.980	3.191	2.069	2.728	2.897	2.761	3.207	5.192
Espanha	9.050	9.891	12.391	9.910	7.222	6.192	7.830	7.264	6.480	8.127	12.622
Bélgica	-	-	-	13.490	7.554	12.062	13.033	13.727	13.079	15.621	21.468
Egito	8.901	16.963	10.104	17.678	12.824	9.040	6.987	13.166	9.414	9.036	15.846
Itália	14.886	17.248	17.844	17.891	9.297	7.825	8.516	8.613	8.019	9.662	13.045
Paquistão	3.079	4.454	8.156	3.199	4.679	3.405	5.957	8.849	6.608	8.330	7.194
Rússia	9.881	8.010	11.294	7.646	3.311	3.610	3.251	3.328	4.644	5.757	6.380
Senegal	461	259	768	1.068	1.261	1.598	2.536	2.510	3.602	3.215	2.491
Cingapura	106.890	97.606	122.532	88.247	37.495	30.086	19.473	15.694	22.854	35.778	47.822
Turquia	2.394	1.929	706	869	2.192	3.630	4.233	3.997	4.450	4.731	6.351

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Emirados											
Árabes Unidos	10.763	17.966	28.830	38.879	32.000	10.864	7.853	2.669	325	8.341	17.117
Outros	285.586	314.721	331.382	321.645	207.629	188.702	204.151	210.738	226.089	267.847	375.777
<b>Mundo</b>	<b>836.165</b>	<b>940.023</b>	<b>1.081.730</b>	<b>1.000.915</b>	<b>560.611</b>	<b>485.757</b>	<b>530.845</b>	<b>516.748</b>	<b>515.518</b>	<b>637.324</b>	<b>943.462</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO (2009)

De acordo com as Tabelas 1 e 2 os valores exportados e importados por cada país seguem a mesma ótica, resultante das ofertas e da variação dos preços praticados ao longo dos anos de 1997 a 2007.

No Gráfico 3 mostra-se claramente que em 1999 houve o ápice dos valores de importações mundiais em todo o período analisado, exatamente o inverso do ocorrido nas exportações, onde o ano de 2007 foi marcado pelo ápice dos valores de exportações mundiais como mostrado anteriormente no gráfico 1.

Novamente neste ano os Estados Unidos respondiam com aproximadamente 25% das importações mundiais, seguido pela Cingapura, com aproximadamente 11%; Alemanha com aproximadamente 9%; Holanda com aproximadamente 8%; e França com aproximadamente 4%. De 2001 a 2005 os valores se mantiveram estáveis, porém em baixa e a subida nos valores de importações ocorreram também como nas exportações, no ano de 2006. Em 2007, os Estados Unidos respondiam com aproximadamente 22% das importações mundiais, seguido pela Alemanha, com aproximadamente 12%; Holanda com aproximadamente 5%; Cingapura com aproximadamente 5%; e França com aproximadamente 4%.

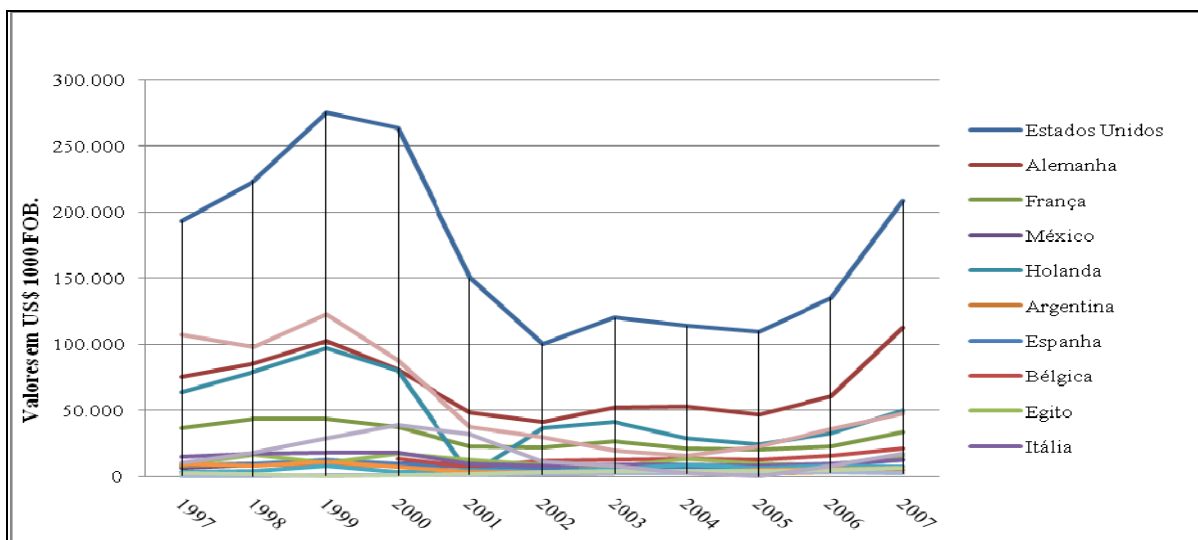


Gráfico 3 - Importações de pimenta-do-reino dos principais países importadores  
Fonte: Elaboração do autor

Segundo estudos e debates nos congressos bienais do *World Spice Congress* na Índia e anuais na *ASTA* nos Estados Unidos – *American Spice Trade Association*, o consumo de especiarias, em geral e em especial a pimenta-do-reino, vem aumentando mundialmente devido às mudanças nos hábitos de consumo de alimentos das sociedades modernas devido à globalização. Cada vez mais, pode-se observar alimentos pré-cozidos e em conservas nas prateleiras dos supermercados em todo o mundo. O mesmo fenômeno vem ocorrendo nos países produtores de pimenta-do-reino, como a China, Índia e Brasil, onde a classe média vem adquirindo maior poder de compra e o desejo de consumo de produtos e de alimentos industrializados.

De acordo com a Tabela 3, a seguir, nota-se que em 2007 os valores de importações da Índia representaram 5% dos valores de importações mundiais, assim, podendo ser comparados com os valores de importação de alguns dos maiores países consumidores. Na China o mesmo vem ocorrendo e, no mesmo período, seus valores de importações corresponderam a 2% da importação mundial concorrendo com países como Emirados Árabes Unidos, Egito e Itália.

Tabela 3 - Valor das importações de pimenta-do-reino dos principais países produtores do mundo de 1997 a 2007. (Valores em US\$ 1000)

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	432	651	493	564	553	517	1.812	529	930	616	2.135
China	7.272	4.687	10.342	13.875	9.792	7.313	5.288	7.071	8.390	10.150	16.958
Equador	187	171	82	256	183	156	242	240	265	324	198



Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Índia	7.603	14.344	11.668	13.391	12.572	25.609	21.498	22.346	26.146	31.842	44.436
Indonésia	2.076	18	9.177	2.655	4.301	3.120	174	333	518	991	727
Madagascar	1	0	1	2	5	1	4	2	2	12	9
Malásia	3.133	4.165	6.187	9.632	4.633	4.296	4.878	6.664	8.041	15.236	13.469
Sri Lanka	39	247	141	190	39	47	304	63	76	171	199
Tailândia	318	826	355	1.705	1.545	1.410	1.556	308	358	656	2.560
Vietnã	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>21.061</b>	<b>25.109</b>	<b>38.446</b>	<b>42.270</b>	<b>33.623</b>	<b>42.469</b>	<b>35.756</b>	<b>37.556</b>	<b>44.726</b>	<b>59.998</b>	<b>80.691</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO (2009)

Vale lembrar que além de importadores, esses países são primordialmente exportadores e muitas dessas importações podem ser feitas com outro propósito além do consumo interno, como, por exemplo, com intuito de agregar valor ao produto para a re-exportação.

Estas importações ocorrem geralmente com a finalidade de redução do custo de matéria prima em determinados períodos "entre-safra", quando ocorre escassez de oferta nesses países. Também são comuns as operações de *blending*<sup>5</sup> e decorticação<sup>6</sup> e só acontecem devido a diferenciações de preços entre origens exportadoras e preferência de variedades de produtos por países consumidores. É o que ocorre com a Índia e Vietnã quando importam pimenta-do-reino do Brasil. O Gráfico 4, a seguir, mostra as importações dos países produtores.

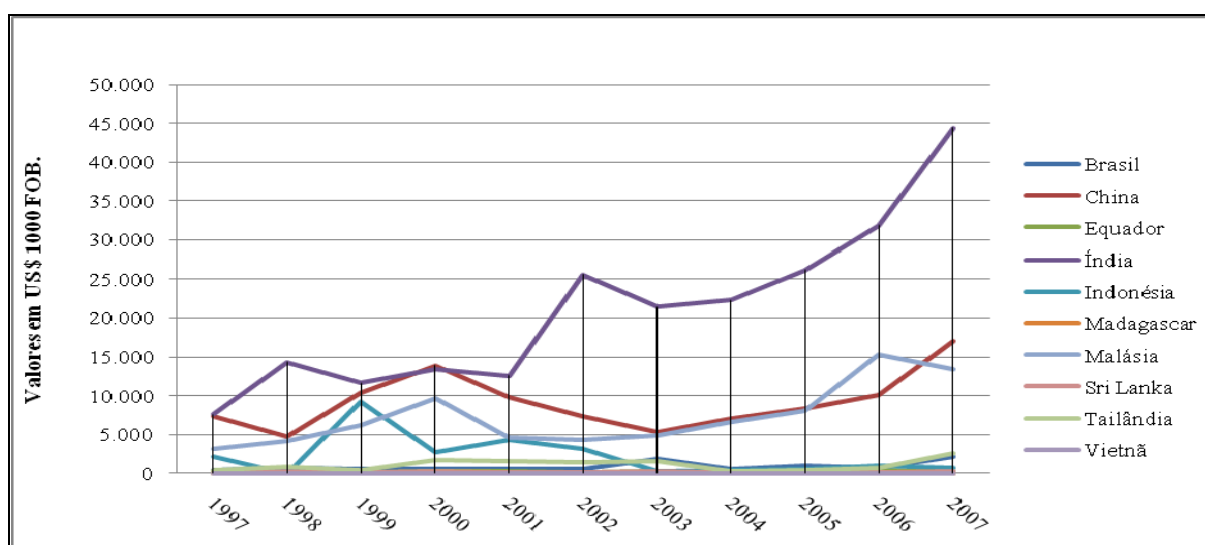


Gráfico 4 - Importações de pimenta-do-reino dos principais países produtores

Fonte: Elaboração do autor

<sup>5</sup> Processo de mistura de dois ou mais tipos, variedades e/ou origens de pimenta-do-reino.

<sup>6</sup> Processo de remoção da casca para ser feito pimenta branca.

## 2.4 Indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Segundo Silva (2006), este indicador mostra a participação das exportações de um dado produto de um estado e/ou país em relação às exportações nacionais e/ou mundiais desse mesmo produto e permite comparar a participação relativa das exportações de um produto de diversas regiões e/ou países.

Assim, o indicador de vantagem comparativa revelada – VCR de um produto para uma região pode ser interpretado como a razão entre o peso das exportações do produto  $i$  em questão nas exportações totais da região  $j$ , considerando o seu peso nas exportações totais da região de referência  $k$ .

$$VCR_{ij} = (X_{ij} / X_{ik}) / (X_j / X_k)$$

onde:

$VCR_{ij}$  → Vantagem comparativa revelada do produto  $i$  da região  $j$

$X_{ij}$  → é o valor das exportações do produto  $i$  da região ou país  $j$

$X_{ik}$  → é o valor total das exportações da região ou país  $j$ .

$X_j$  → é o valor das exportações do produto  $i$  do país ou zona de referência  $k$

$X_k$  → é o valor total das exportações do país ou zona de referência  $k$ .

Quando  $VCR_{ij} > 1$ , conclui-se que o produto  $i$  apresenta vantagem comparativa revelada se  $VCR_{ij} < 1$ , então o produto  $i$  apresenta desvantagem comparativa revelada.

Obtendo-se  $VCR_{ij} = 1$ , a região  $j$  não terá vantagem nem desvantagem na produção do produto, nesse caso a produção local supre as necessidades internas de consumo e afirma-se que não existe excedente para ser exportado.

Segundo Silva (2006), o emprego do indicador de VCR permite aprofundar a análise sobre a tendência à especialização de uma região e/ou país,

dissociando-a da conjuntura macroeconômica e apontando os pontos fortes e fracos de uma economia em relação aos produtos de exportação (LAFAY *et al.*, 1999 *apud* SILVA *et al.*, 2001).

Os indicadores de vantagem comparativa (VCR) de pimenta-do-reino para o estado do Pará e principais estados brasileiros exportadores no período de 1997 a 2007 estão apresentados na Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - Indicador de vantagem comparativa revelada de pimenta-do-reino dos principais estados exportadores brasileiros em relação ao comércio mundial (1997 a 2007)

<b>Países</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Pará	19,40	21,98	19,77	19,58	22,45	20,84	21,81	18,55	16,56	15,81	13,56
Espírito Santo	3,27	0,74	1,62	1,88	1,84	1,81	1,33	3,50	3,08	3,48	6,18
Bahia	0,00	0,00	0,00	0,00	0,16	0,45	0,77	0,26	0,08	0,13	0,28
São Paulo	0,03	0,04	0,10	0,09	0,07	0,21	0,17	0,06	0,00	0,01	0,00

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO, WTO e Alice Web

Os dados da Tabela 4 mostram que no período de 1997 a 2007 tanto o estado do Pará quanto o estado do Espírito Santo, com exceção deste último no ano de 1998, mostram-se competitivos e apresentam desempenho superior à unidade, tendo assim resultados superiores à média mundial. Já o estado da Bahia e o estado de São Paulo apresentaram desvantagem comparativa na exportação do produto em todo o período analisado.

De 1997 a 1999, tanto o Brasil como quase todos os países produtores no mundo apresentaram um aumento nos valores das exportações de pimenta-do-reino, e não foi tão diferente o que ocorreu no estado do Pará, que elevou o seu desempenho e assim conseguiu aumentar sua vantagem comparativa do ano de 1997 para 1998, com uma leve queda no ano de 1999. Nesse mesmo período ocorreu uma queda no estado do Espírito Santo no ano de 1997 para 1998, consequentemente mostrando ter uma desvantagem comparativa.

Pode-se atribuir este fato a uma quebra de safra ou até mesmo uma rejeição do produto desta região por países importadores, pois como se sabe, o numerador que é a relação entre exportações da pimenta-do-reino e exportações estaduais foi menor que o denominador do índice que corresponde à relação das exportações brasileiras de pimenta-do-reino com as exportações totais de todos os

produtos do Brasil. Em 1999 o estado se recupera e torna a ter vantagem comparativa.

Como afirmamos anteriormente, os estados da Bahia e São Paulo mostraram não ser competitivos em suas exportações de pimenta-do-reino em todo o período analisado. Estes dois estados detêm características que podem explicar este fato. A Bahia, apesar de ser um pequeno estado produtor com apenas 3,5% da produção nacional, ainda não adquiriu o *know how*<sup>7</sup> do beneficiamento da pimenta associado aos interesses de outros cultivos/lavoura, assim escoando grande parte de sua produção para ser beneficiada no Espírito Santo, onde tem um maior centro pimenteiro.

Já no estado de São Paulo não se produz pimenta-do-reino, porém existem algumas empresas exportadoras e/ou importadoras que além de exportar, importar e comercializar no mercado interno outros produtos, eles conseguem exportar pimenta-do-reino para atender alguns pequenos pedidos de seus clientes no exterior, ou seja, eles compram a pimenta no mercado interno nos maiores centros pimenteiros do Pará e/ou no Espírito Santo para ser exportado através do porto de Santos.

Em termos gerais pode-se dizer que o Pará manteve-se especializado e ainda lidera o cultivo da pimenta no Brasil em todo o período de 1997 a 2007, porém apresentando seu VCR com tendência de queda a partir de 2004.

Já o Espírito Santo oscilou com altas e baixas, contudo, apresentando vantagem comparativa revelada em todos os períodos, com exceção de 1998. Como pode-se observar no Gráfico 5 em 2007 o estado do Espírito Santo teve seu melhor índice de VCR, apresentando um aumento em sua competitividade em relação ao estado do Pará, que vem decrescendo seu índice de VCR não somente no mesmo período, mas desde 2003.

---

<sup>7</sup> Conhecimento e/ou experiência.

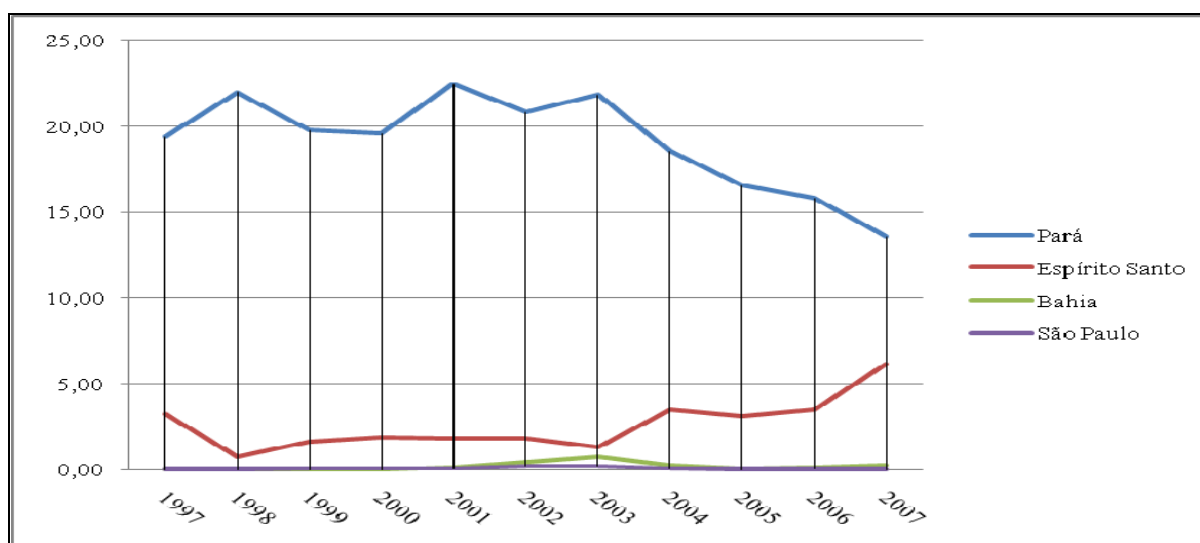


Gráfico 5 - VCR dos principais Estados Exportadores Brasileiros  
Fonte: Elaboração do autor

Como o estado do Pará em todo o período de 1997 a 2007 apresentou em valores uma exportação média acima de 88% das exportações brasileiras de pimenta-do-reino, pode-se dizer que este estado ainda reflete em amplitude a realidade das exportações nacionais desta cultura. No entanto, a partir do ano de 2003 foi constatado que sua vantagem comparativa vem decrescendo, ou seja, a participação deste segmento na exportação do estado vem diminuindo gradualmente.

Na Tabela 5, a seguir, encontram-se os índices de VCR dos principais exportadores de pimenta do mundo.

Tabela 5 - Indicador de vantagem comparativa revelada de pimenta-do-reino dos principais exportadores mundiais (1997 a 2007)

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	11,61	13,84	14,42	12,84	17,70	17,51	17,64	17,61	13,96	14,72	13,52
China	0,90	0,23	0,43	0,16	0,48	0,68	0,48	0,34	0,21	0,60	0,29
Equador	0,01	0,04	0,21	0,42	2,00	9,06	11,54	14,31	9,47	5,87	3,39
Índia	38,82	39,80	36,48	17,01	16,56	12,96	10,20	9,14	10,42	14,36	16,25
Indonésia	30,03	34,18	29,54	34,51	30,25	26,80	31,98	20,57	19,76	17,75	20,81
Madagascar	56,99	19,23	33,14	17,74	26,75	51,97	38,91	25,09	61,63	82,82	65,34
Malásia	11,05	11,56	10,01	10,12	9,68	7,25	6,94	6,55	6,72	5,84	5,75
Sri Lanka	30,68	48,84	31,49	38,82	21,34	58,04	54,70	41,99	56,61	53,98	54,46
Tailândia	0,35	0,34	0,42	0,30	0,25	0,32	0,35	0,41	0,31	0,17	0,21
Vietnã	76,15	62,75	94,13	102,71	104,81	116,30	113,86	147,77	136,47	111,42	103,43

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO e WTO.

Os índices de VCR do Brasil, Índia, Indonésia, Madagascar, Malásia, Sri Lanka e Vietnã mostraram-se significativos, apresentando-se acima da unidade em todo o período de estudo de 1997 a 2007. Estes resultados são consequências das participações elevadas do segmento na pauta de exportação do agronegócio destes respectivos países, com valores superiores à participação da pimenta-do-reino na pauta de exportação mundial.

Já a China e Tailândia apresentaram VCR menores que a unidade em todo o período estudado, sendo assim, esses países não são competitivos no segmento. Os baixos desempenhos desses países no comércio mundial de pimenta-do-reino são caracterizados pela pequena participação deste segmento em sua pauta de exportação.

O Equador, de 1997 a 2000, mostrou-se um país não competitivo no segmento, contudo apresentou VCR acima da unidade de 2001 a 2007 e entrou para o grupo dos países detentores de vantagem comparativa revelada.

Segue o Gráfico 6 para uma melhor visualização dos índices de Vantagem comparativa revelada dos principais exportadores mundiais:

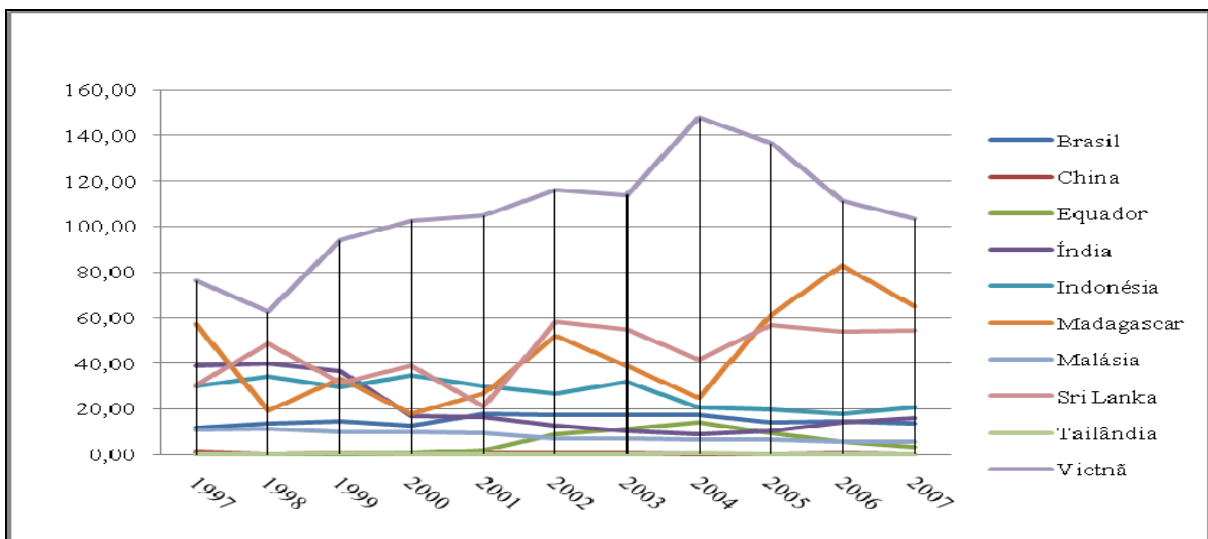


Gráfico 6 - VCR dos principais exportadores mundiais

Fonte: Elaboração do autor

Da mesma forma que foi executada a análise para o estado do Pará de 1997 a 1999, analisa-se o Brasil também com aumento nos valores das exportações

do segmento. Devido à volatilidade dos preços da pimenta-do-reino, analisou-se também que neste mesmo período a quantidade em toneladas métricas exportadas aumentou. De 2000 a 2005, apesar da queda mundial no preço da pimenta-do-reino ter afetado diretamente nos valores exportados do segmento em todo o mundo, foi constatado que de 2001 a 2004 o Brasil apresentou seus maiores índices de VCR e também aumentos na quantidade exportada em toneladas métricas. De 2005 a 2007 fica claro que a pimenta perde participação no agronegócio brasileiro.

Acredita-se que a desvalorização cambial a partir de 1999 amenizou o impacto da queda mundial do preço da pimenta-do-reino de 2000 a 2005 para exportadores brasileiros.

## 2.5 Taxa de Cobertura (TC)

A taxa de cobertura - TC é utilizada, segundo Silva (2006) para relacionar as exportações com as importações do produto  $i$ . É também um indicador utilizado para obtenção de informações que auxiliam no estudo da competitividade. A taxa de cobertura do produto  $i$  é definida como sendo o quociente entre as exportações e as importações do produto  $i$ , ou grupo de produtos de um país ou região e é representada da seguinte maneira:

$$TC_{ij} = X_i / M_i$$

onde:

$X_i$  = Exportações do produto  $i$  da região ou país  $j$

$M_i$  = Importações do produto  $i$  da região ou país  $j$ .

Este indicador mostra o quanto as exportações são maiores/menores que as importações do produto  $i$ .

Quando  $TC_{ij} > 1$ , diz-se que houve uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja, as exportações do produto  $i$  são maiores que suas importações.

Os produtos que ao mesmo tempo apresentam VCR e TC maior que a unidade constitui os pontos fortes de uma economia. Acontecendo o oposto, isto é, caso os produtos apresentem simultaneamente desvantagens comparativas reveladas e taxa de cobertura inferior à unidade, são tidos como pontos fracos de uma economia. Comparando-se os pontos fortes de um país com os fracos dos parceiros comerciais identificam-se os produtos com maior potencial em termos de comércio (HIDALGO, 2000 *apud* SILVA, 2006).

Segundo o estudo realizado, verificou-se que o Pará não teve nenhuma importação neste período de 1997 a 2007. Já o Espírito Santo importou US\$ 749,00 em 2001, e US\$ 1.047,00 em 2002, 2003 com US\$ 7.549,00. A Bahia importou em 1999 o valor de US\$ 7.930,00. São Paulo importou em 1997 o valor de US\$ 143.371,00, em 1998 US\$ 173.763,00, 1999 com US\$ 68.124,00, 2000 com US\$ 56.850,00, em 2001 US\$ 62.321,00, e 2002 o valor de US\$ 102.750,00. Para 2003 São Paulo importou US\$ 110.350,00, em 2004 US\$ 138.731,00, 2005 o valor de US\$ 158.557,00, em 2006 US\$ 22.913,00, e em 2007 o valor de 19.367,00.

Na Tabela 6, a seguir, encontram-se os índices de taxas de cobertura referentes aos estados brasileiros analisados no período de 1997 a 2007.

Tabela 6 - Taxa de cobertura de pimenta-do-reino dos principais estados exportadores do Brasil em relação ao comércio mundial (1997 a 2007)

<b>Estados</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Pará	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espírito Santo	-	-	-	-	6.109,48	4.432,66	500,20	-	-	-	-
Bahia	-	-	0,00	-	-	-	-	-	-	-	-
São Paulo	4,87	6,85	48,31	38,50	22,24	40,91	29,08	8,68	0,52	15,19	3,25

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do Alice Web



Conforme os dados expostos na tabela, todos os estados, com exceção da Bahia, obtiveram resultados acima da unidade ou indefinido<sup>8</sup> em todo período, caracterizando-se assim, por apresentarem vantagem comparativa em termos de cobertura das importações. A Bahia não obteve valores de exportação nos anos de 1997 a 2000, assim definindo-se como o único estado que não obteve valores de exportação dentro o período analisado. O Pará e os outros estados que apresentaram vantagem comparativa em termos de cobertura das importações tiveram suas exportações de pimenta-do-reino com uma dimensão maior do que as importações do mesmo produto. A Bahia somente obteve vantagem comparativa em termo de cobertura das importações a partir de 2001 até o fim do período analisado.

Na tabela 7 é apresentada a análise conjunta do indicador de vantagem comparativa revelada (VCR) e a taxa de cobertura (TC) para os estados brasileiros em discussão:

Tabela 7 - Pontos fortes e pontos fracos dos principais estados brasileiros exportadores de pimenta-do-reino em relação ao comércio mundial (1997 a 2007)

<b>Estados</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Pará	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Espírito Santo	<b>Forte</b>	Fraco	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Bahia	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco
São Paulo	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do Alice Web

No período em análise, os estados do Pará e o Espírito Santo apresentaram-se como regiões com pontos fortes e alta competitividade na exportação de pimenta-do-reino em todo o período, com exceção deste último no ano de 1998, o qual apresentou seu índice de (VCR) inferior à unidade. Já os estados da Bahia e São Paulo apresentaram-se como regiões detentoras de pontos fracos no setor analisado, tendo os dois estados, em todo o período, seus índices de (VCR) inferiores à unidade.

A tabela 8, a seguir, apresenta a taxa de cobertura de pimenta-do-reino dos principais países exportadores desta especiaria:

<sup>8</sup> Resultado da divisão de um número por zero. Neste caso específico, é a divisão de um valor de exportação por zero de importação.

Tabela 8 - Taxa de cobertura de pimenta-do-reino dos principais exportadores mundiais (1997 a 2007).

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	137,44	119,31	177,38	122,83	107,92	115,02	32,43	123,01	60,48	138,44	54,89
China	2,19	0,99	1,03	0,29	0,75	1,71	1,82	1,08	0,65	2,41	1,11
Equador	0,03	0,12	1,41	0,80	2,96	16,48	13,52	17,67	12,27	9,69	13,21
Índia	17,25	10,18	14,09	5,27	3,31	1,40	1,28	1,20	1,35	2,29	2,90
Indonésia	78,59	10.495,56	20,84	83,27	23,37	28,59	537,04	167,08	112,81	77,96	182,25
Madagascar	2.838,00	-	2.445,00	716,00	287,60	1.421,00	379,50	475,50	895,50	285,75	484,44
Malásia	26,81	22,32	17,26	10,11	10,65	8,93	6,78	4,75	4,00	2,59	4,06
Sri Lanka	352,21	104,34	129,65	108,67	152,67	326,49	42,03	146,62	160,68	91,36	114,26
Tailândia	6,08	2,43	8,68	1,18	0,61	0,88	0,83	4,92	3,23	1,42	0,67
Vietnã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO.

Segundo Nonnenberg e David (1997 *apud* MATHIS, 1990), um crescimento sustentado da produção pode ser obtido à custa de um desequilíbrio comercial e, ao contrário, uma taxa de cobertura elevada pode representar um freio durável ao crescimento em comparação aos principais parceiros.

Conforme apresentado na Tabela 8, o Brasil, Índia, Indonésia, Madagascar, Malásia, Sri Lanka, e Vietnã apresentaram vantagens comparativas em termos de cobertura de suas importações de 1997 a 2007. Nesse caso, as exportações de pimenta-do-reino apresentam-se superiores às importações do mesmo produto nestes países. Pode-se dizer que este produto contribui de forma bastante positiva para a balança comercial superavitária em seus respectivos países. O Vietnã não apresentou valores de importação em todo o período, ou seja, este país somente exportou e sua taxa de cobertura é caracterizada como indefinida.

A China obteve suas importações superiores a exportações nos anos de 1998, 2000, 2001 e 2005, já o Equador obteve suas importações superiores às exportações nos anos de 1997, 1998 e 2000, logo em seguida, nos próximos anos e até o fim do período analisado, o mesmo apresenta vantagem comparativa em termos de cobertura de suas importações. A Tailândia apresenta desvantagem comparativa em termos de cobertura de suas importações nos anos de 2001, 2002 e 2003.

As taxas de cobertura do Brasil no ano de 2003, 2005 e 2007 apresentaram uma queda drástica em relação aos outros anos em análise. Em 2003 e 2005 este fenômeno pode ser atribuído à baixa nos preços mundiais de pimenta-do-reino relacionados à importação de produtos industrializados com alto valor agregado. Já em 2007, onde houve uma recuperação mundial nos preço da pimenta-do-reino, esse fator pode ser atribuído somente à importação de produtos com alto valor agregado. Valor agregado neste mercado entende-se por produtos esterilizados em retail pack<sup>9</sup> pronto para o consumo. Vale complementar que o Brasil é primordialmente um exportador bulk<sup>10</sup> dessa especiaria sem nenhum processo industrial para adição de valor à mesma.

Na tabela 9 é apresentada a análise conjunta do indicador de vantagem comparativa revelada (VCR) e a taxa de cobertura (TC) para os principais países exportadores de pimenta-do-reino. A junção destes dois indicadores mostrará, através da ilustração dos pontos fortes e dos pontos fracos, quais países possuem alta ou baixa competitividade no comércio internacional de pimenta-do-reino.

Tabela 9 - Pontos fortes e pontos fracos dos principais países exportadores de pimenta-do-reino em relação ao comércio mundial (1997 a 2007)

<b>Países</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Brasil	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
China	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac
Equador	Frac	Frac	Frac	Frac	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Índia	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Indonésia	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Madagascar	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Malásia	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Sri Lanka	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>
Tailândia	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac	Frac
Vietnã	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>	<b>Forte</b>

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO

Os dados mostram a alta competitividade das exportações de pimenta-do-reino do Brasil, Índia, Indonésia, Madagascar, Malásia, Sri Lanka e Vietnã em todo o período analisado.

<sup>9</sup> Embalagem de varejo.

<sup>10</sup> A granel.

A China não se apresentou competitiva nas exportações de pimenta-do-reino em todo o período devido aos seus índices de (VCR) estarem inferiores à unidade em todo o período. Além disso, seus índices de (TC) estiveram inferiores à unidade nos anos de 1998, 2000, 2001 e 2005. A Tailândia não se mostrou competitiva na exportação do setor, também por apresentar seus índices de (VCR) inferiores à unidade em todo o período, bem como, apresentou índices de (TC) inferiores à unidade nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2007.

O Equador também não se mostrou competitivo, apresentando índices de (VCR) e (TC) inferior à unidade nos anos de 1997, 1998 e 2000. Ressalte-se, contudo, que em 1999 o Equador apresentou somente o (VCR) inferior à unidade.

## 2.6 Indicador de Intensidade de Comércio (IC)

Este indicador, segundo Silva (2006), mostra a intensidade das relações de troca do produto *i* da região/ país *j*.

É representado pela razão entre as exportações do produto *i* para o país/região *j* em relação às exportações totais do produto *i* e às importações totais do país/região *j* relativamente às importações mundiais *w* do produto *i*.

$$IC_{ij} = (X_{ij} / X_i) / (M_{ij} / M_{iw})$$

onde:

$IC_{ij}$  = Indicador de intensidade de comércio do produto *i* do país/região *j*

$X_{ij}$  = Exportações do produto *i* do país/região *j*.

$X_i$  = Exportações totais do produto *i* do país/região *j*

$M_{ij}$  = Importações totais do produto *i* do país/região *j*

$M_{iw}$  = Importações totais mundiais do produto *i*

Quanto maior o indicador, maior a tendência de comércio bilateral entre essas regiões.

O indicador de intensidade de comércio, neste trabalho, irá apresentar o comportamento do mercado de pimenta-do-reino entre o Pará/Brasil e seus principais parceiros comerciais, que são: Estados Unidos, Alemanha, França, México, Holanda, Argentina e Espanha.

De acordo com os dados na Tabela 10, a seguir, observa-se que o Pará apresenta as maiores intensidades de comércio desta especiaria com a Argentina, México e Espanha. O índice de intensidade de comércio em todo o período com a Argentina variou de 12,60 para 9,70; com o México variou de 6,59 para 5,78 e com a Espanha de 2,41 para 3,67. Dos três parceiros citados, apesar das maiores tendências de comércio bilateral em relação aos demais parceiros, o único dos três países que apresentou um crescimento ao longo do período analisado foi à Espanha.

Tabela 10 - Indicador de intensidade de comércio de pimenta-do-reino do Pará e seus parceiros comerciais (1997 a 2007)

<b>Países</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Estados Unidos	1,67	1,40	1,74	1,73	1,37	1,83	1,78	2,14	2,12	2,23	1,86
Alemanha	1,77	1,35	1,90	1,33	1,24	1,75	0,89	1,10	1,33	1,46	1,88
França	1,03	0,79	0,97	0,63	0,91	0,79	0,67	1,37	1,43	1,02	0,91
México	6,59	5,74	1,73	5,18	4,32	2,84	5,17	5,99	6,16	4,52	5,78
Argentina	12,60	11,61	5,75	9,22	5,99	8,99	8,71	8,22	10,73	5,49	9,70
Espanha	2,41	5,37	2,02	3,07	3,95	6,12	5,01	4,62	2,95	4,09	3,67

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO e Alice Web

Observa-se que entre os demais parceiros, o Pará ganhou mercado na Alemanha e nos Estados Unidos e perdeu na França.

O Gráfico 7 ilustra os resultados de comércio bilateral do Brasil com seus parceiros comerciais:

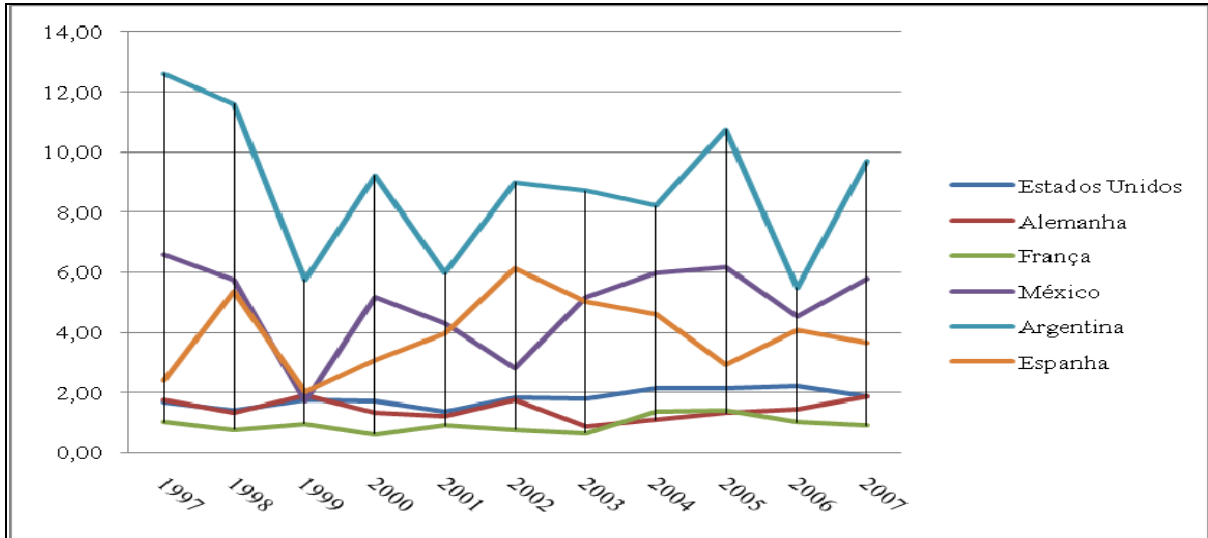


Gráfico 7 - IC do Pará e principais parceiros comerciais

Fonte: Elaboração do autor

A alta intensidade de comércio entre o Pará e a Argentina pode ser atribuída a três fatores:

- Acordo de Complementação Econômica nº 18 - ACE 18.
- Baixo custo logístico e rápido *transit time*<sup>11</sup> da mercadoria.
- Comércio de pimenta branca

Já o México, essa intensidade de comércio com o Pará pode ser atribuída a dois fatores:

- Acordo de Complementação Econômica nº 53 - ACE 53
- Baixo custo logístico e rápido *transit time*<sup>12</sup> da mercadoria.

Tanto o Acordo de Complementação Econômica nº 18 - ACE 18 para a Argentina e o Acordo de Complementação Econômica nº 53 - ACE 53 para o México, apresentam benefícios tarifários na importação de pimenta-do-reino de origem brasileira.

<sup>11</sup> Tempo que a mercadoria leva de um porto a outro dentro do navio. Geralmente informado na negociação do frete marítimo pelas companhias que exercem esse serviço.

<sup>12</sup> Tempo que a mercadoria leva de um porto a outro dentro do navio. Geralmente informado na negociação do frete marítimo pelas companhias que exercem esse serviço.

O indicador de intensidade de comércio entre o Brasil e seus parceiros comerciais está apresentado na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 - Indicador de Intensidade de comércio de pimenta-do-reino do Brasil e seus parceiros comerciais (1997 a 2007)

<b>Países</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Estados Unidos	1,47	1,33	1,58	1,56	1,22	1,57	1,48	1,60	1,48	1,79	1,47
Alemanha	1,61	1,30	1,96	1,27	1,33	2,27	1,06	1,12	1,13	1,47	1,65
França	1,31	0,83	1,17	0,97	0,88	0,84	0,76	1,49	1,39	1,06	1,14
México	8,16	6,74	2,46	5,35	4,21	2,53	4,68	4,95	4,25	4,49	4,79
Argentina	10,81	11,60	6,84	8,86	5,81	7,89	8,30	7,14	8,07	5,63	8,12
Espanha	2,98	6,53	3,27	6,49	6,26	7,64	7,85	7,67	5,97	5,84	5,37

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO e Alice Web

A realidade e resultados que o índice de intensidade de comércio mostra para o Brasil não é tão diferente do que foi mostrado para o estado do Pará, haja vista, que o Pará correspondeu com acima de 88% das exportações médias brasileira em todo o período de 1997 a 2007.

De acordo com os dados na Tabela 11, observa-se que o Brasil apresenta as maiores intensidades de comércio de pimenta-do-reino como os mesmo países: Argentina, México e Espanha. O índice de intensidade de comércio em todo o período com a Argentina variou de 10,81 para 8,12; com o México variou de 8,16 para 4,79 e com a Espanha de 2,98 para 5,37. Novamente, dos três parceiros citados, o único dos três que apresentou um crescimento ao longo do período analisado foi a Espanha.

Dentre os demais parceiros, o Brasil ganhou mercado na Alemanha, se manteve estável com os Estados Unidos e perdeu mercado na França.

O Gráfico 8, a seguir, ilustra o resultado intenso de comércio bilateral do Brasil com os Estados Unidos, Alemanha, França, México, Argentina, e Espanha:

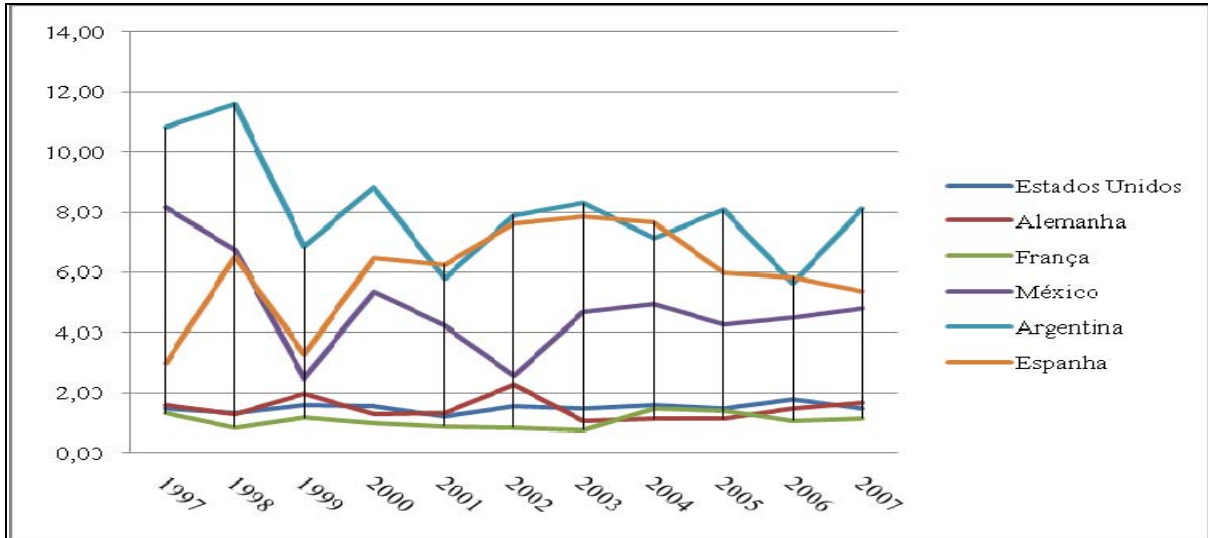


Gráfico 8 - IC do Brasil e principais parceiros comerciais

Fonte: Elaboração do autor

O valor do denominador da equação é o mesmo, tanto para a análise do (IC) do estado do Pará, quanto para o Brasil. A alteração se dá no numerador que para o estado do Pará será o quociente entre as exportações de pimenta do estado para o país parceiro e exportações totais de pimenta-do-reino do estado. Para o Brasil o numerador será o quociente entre as exportações do Brasil para o país parceiro e exportações totais de pimenta-do-reino do Brasil.

## 2.7 Indicador de Posição no Mercado Mundial (Sik)

Segundo Olinda (2006), este indicador descreve se o país vem ganhando, perdendo ou mantendo sua posição no mercado mundial do referido produto:

$$Sik = ((Xik - Mik) / Wk) * 100$$

onde:

Sik = Posição no mercado mundial do produto;

Xik = Exportações do produto k no país i;

Mik = Importações do produto k no país i; e



$W_k$  = Exportações do produto  $k$  em todo o mundo.

Como são expressos em porcentagem, os valores do indicador variam entre zero e 100. Quanto mais alto for esse valor, maior é a intensidade de participação do país no comércio internacional do produto ou do setor selecionado, seja como exportador ou como importador. O indicador pode ser calculado para um produto ou setor (CONCEIÇÃO; GASQUES, 2002).

Se o resultado do cálculo do indicador for positivo, o país é caracterizado com um exportador líquido. Já o inverso, o país é considerado um importador líquido segundo Burnquist e Silveira (2008).

A evolução do resultado deste indicador mostra se as exportações e importações líquidas do país, produto ou setor estão crescendo ou decrescendo a taxas superiores ou inferiores às do comércio mundial do produto.

A Tabela 12, a seguir, mostra a posição do Brasil no mercado mundial e seus principais concorrentes:

Tabela 12 - Indicador de posição no mercado mundial de pimenta-do-reino do Brasil e seus concorrentes (1997 a 2007)

Países	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	10,92%	12,76%	12,05%	10,87%	16,49%	16,14%	16,47%	18,32%	15,52%	16,63%	15,25%
China	1,60%	-0,01%	0,04%	-1,56%	-0,67%	1,42%	1,25%	0,16%	-0,82%	2,81%	0,25%
Equador	-0,03%	-0,03%	0,00%	-0,01%	0,10%	0,66%	0,88%	1,14%	0,84%	0,55%	0,32%
Índia	22,90%	21,82%	21,16%	9,05%	8,09%	2,82%	1,71%	1,26%	2,56%	8,09%	11,19%
Indonésia	29,85%	31,30%	25,23%	34,54%	26,83%	23,56%	26,98%	15,70%	16,25%	14,98%	17,46%
Madagascar	0,53%	0,19%	0,34%	0,23%	0,40%	0,39%	0,44%	0,27%	0,50%	0,67%	0,58%
Malásia	14,99%	14,71%	13,94%	13,87%	12,46%	9,33%	8,16%	7,09%	6,77%	4,76%	5,46%
Sri Lanka	2,54%	4,23%	2,51%	3,24%	1,65%	4,19%	3,61%	2,60%	3,40%	3,04%	2,99%
Tailândia	0,30%	0,20%	0,38%	0,05%	-0,17%	-0,05%	-0,08%	0,34%	0,22%	0,05%	-0,11%
Vietnã	12,51%	10,68%	19,02%	23,04%	25,44%	29,92%	30,24%	42,45%	42,21%	36,64%	35,92%

Fonte: Elaborada pelo autor com informações do FAO.

Dentre os dez países analisados apenas cinco países mostraram ter posições consideráveis no mercado mundial. São estes, em ordem de participação em 2007: Vietnã com 35,92%, indonésia com 17,46%, Brasil com 15,25%, Índia com 11,19% e Malásia com 5,46%. Dos cinco principais, apenas o Vietnã e o Brasil apresentaram ganhos de mercado ao longo do período estudado de 1997 a 2007.

A melhor posição, entre os países exportadores analisados, é sem dúvida a do Vietnã com uma variação de 12,51% em 1997 para 35,92% em 2007. Porém é possível verificar, que a partir de 2004 sua posição vem apresentando tendência de queda. Já o Brasil variou de 10,92% em 1997 para 15,25% em 2007; a Indonésia variou de 29,85% em 1997 para 17,46% em 2007; a Índia variou de 22,90% em 1997 para 11,19% e a Malásia variou em 1997 de 14,99% para 5,46% em 2007.

Para uma melhor visualização das exportações líquidas destes países segue o Gráfico 9 abaixo:

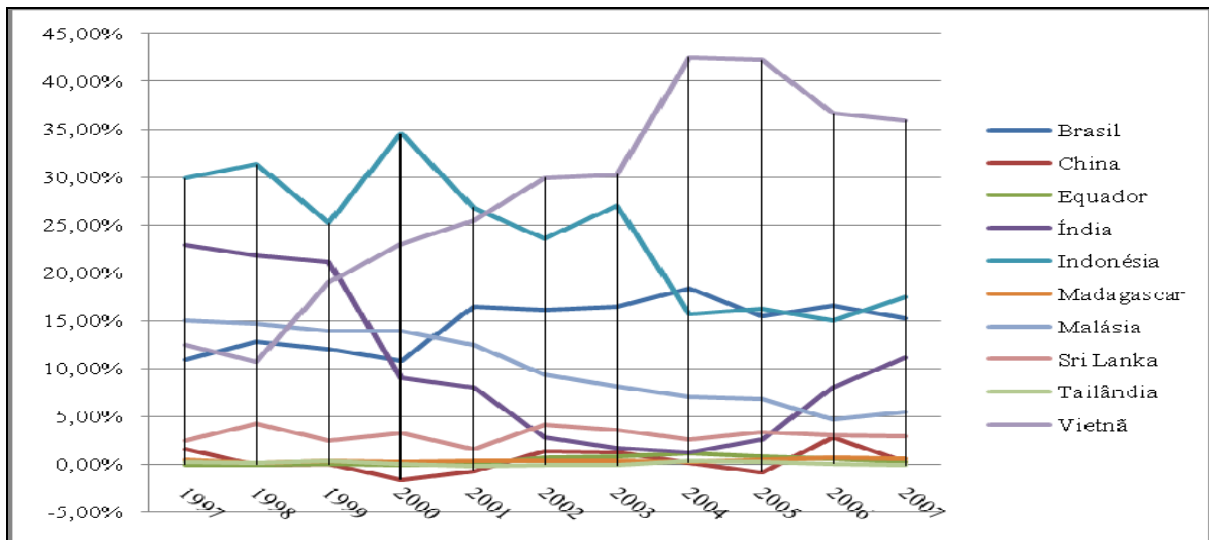


Gráfico 9 - Sik do Brasil e seus Concorrentes  
Fonte: Elaboração do autor

Através desse índice, pode-se concluir que o Vietnã absorveu grande parte da fatia de mercado de seus concorrentes asiáticos, como Indonésia, Índia, e Malásia ao longo desses dez anos de análise, já o Brasil não perdeu sua posição de mercado ao longo desses anos e pelo contrário, absorveu também um pequeno fragmento de mercado de seus concorrentes asiáticos.

### 3 CONCLUSÃO

A presente dissertação de mestrado analisa os diversos fatores que determinam o volume de importação e exportação de pimenta-do-reino pelos países produtores e consumidores dessa especiaria.

Na introdução deste trabalho apresentamos um breve histórico sobre a origem, a importância histórica e a demanda internacional de pimenta-do-reino, e abordamos sucintamente a evolução comercial do produto no mercado mundial, bem como a sua contribuição econômica para o Brasil, notadamente para os Estados produtores e exportadores dessa especiaria tão apreciada em todas as nações do planeta.

Em seguida, fixamos como objetivo geral deste estudo a análise da competitividade das exportações de pimenta-do-reino do Pará e do Brasil no período de 1997 a 2007 e também fixamos a apresentação das principais conclusões e perspectivas de comércio como objetivo específico.

Ao longo da nossa pesquisa analisamos detidamente os principais indicadores de desempenho das exportações brasileiras de pimenta-do-reino, tais como, sua vantagem comparativa revelada, sua taxa de cobertura, sua intensidade do comércio e sua posição no mercado mundial, e concluímos, categoricamente, que o Brasil, apesar de ter iniciado a exploração comercial dessa cultura na década de 1930, conseguiu expandir sua produção, e nos anos 1980 tornou-se altamente competitivo em relação aos países que secularmente dominaram o comércio internacional, passando a disputar em condições econômicas satisfatórias a liderança das exportações de pimenta-do-reino no mercado mundial.

É importante salientar que as análises de todos os indicadores de desempenho no período analisado, revelam claramente que o Brasil conseguiu elevar o seu grau de competitividade em relação aos demais países exportadores de pimenta-do-reino. Já o indicador de posição no mercado mundial (Sik) revela com clareza que o mercado mundial em 2007 é dominado por apenas cinco países

exportadores, a saber: Vietnã com 35,92%; Indonésia com 17,46%; Brasil com 15,25%; Índia com 11,19% e Malásia com 5,46%. Dentre esses cinco países, somente o Vietnã e o Brasil apresentaram ganhos de mercado ao longo de todo período estudado.

A interpretação desses dados nos permite inferir que as perspectivas de curto e médio prazos continuarão favoráveis à expansão comercial de pimenta-do-reino brasileira destinada à exportação. Entretanto, não podemos afirmar que o volume das exportações brasileiras do produto objeto deste estudo continuará se expandido na mesma proporção histórica, uma vez que o Vietnã, além de liderar efetivamente o mercado mundial de pimenta-do-reino, vem elevando exponencialmente (em números absolutos e relativos) a sua capacidade de produção e oferta de um produto preferível e para alguns importadores, considerado de qualidade desejável.

Atentos às premissas iniciais e também ao objetivo específico deste trabalho, dedicamos boa parte do nosso tempo às pesquisas de campo, buscando identificar nas entrevistas realizadas com os agentes de toda a cadeia produtiva, os principais fatores que levam a rejeição da pimenta-do-reino brasileira em relação às demais origens produtoras.

Nas abordagens de campo identificamos diversas variáveis que poderão ameaçar no futuro a competitividade do Brasil no mercado mundial de pimenta-do-reino. Entretanto, o mais importante fator é a qualidade do beneficiamento nacional, atualmente considerada inferior em relação à pimenta-do-reino produzidas na Índia, Malásia, Indonésia e Vietnã.

Essa conclusão nos leva a admitir, em primeiro lugar, a ausência de um programa nacional de modernização das plantas de produção de pimenta-do-reino, voltado primordialmente para elevar o nível de qualidade desse condimento. Em segundo lugar constata-se uma certa acomodação, omissão ou mesmo resistência dos exportadores brasileiros, no que tange a investimentos em novas tecnologias de secagem, limpeza, classificação, armazenagem e esterilização.

Outro fator determinante e que vem comprometendo a qualidade da pimenta-do-reino brasileira é a precariedade técnica no manuseio das safras em nível de produtor. Para demonstrar a precariedade do tratamento das safras no Brasil, analisamos in loco o processo de secagem e limpeza. A secagem geralmente é feita a céu aberto, o que permite o contágio com fezes de animais e de pássaros. O tratamento de limpeza é feito com álcool, muitas vezes para camuflar o mofo, e quando o álcool evapora, os fungos voltam a aparecer.

Tanto os produtores quanto os exportadores brasileiros necessitam se especializar para obter um produto de qualidade e livre de contaminação, de metais, insetos, pedras, fungos ou de salmonela. Entretanto percebe-se uma certa incompreensão regional quanto às exigências de qualidade que vem sendo adotados nos principais centros consumidores do mundo, a exemplo da Comunidade Européia e Estados Unidos, e esse fator, que carrega em si uma tradição histórica e rudimentar de produção, poderá comprometer, em curto e médio prazo, a pauta de exportação da pimenta produzida no Brasil.

Constata-se também que apesar do sermos um país desenvolvido em diversas atividades produtivas, o beneficiamento rudimentar das safras de pimenta no Brasil foi abolido e superado na Índia nos anos 80, quando aquele país decidiu aprimorar as técnicas de manuseio da sua produção voltada à exportação. Com isso deu um salto de qualidade e o produto indiano adquiriu mais prestígio, conseguindo elevar seu nível de preço em média na ordem de 8% de vantagem em relação ao produto nacional.

Esse dado nos leva a defender a tese de que é necessária e urgente a implementação de uma política de agregação de valor e de um amplo planejamento de marketing para corrigir a rejeição da pimenta-do-reino brasileira.

Concluimos que não existem dados totalmente confiáveis nos organismos internacionais. Durante as pesquisas teóricas para embasar este trabalho, deparamo-nos com dados manipulados, tanto por grandes importadores quanto por grande exportadores. Contudo, pode-se afirmar, com base nas análises e tabulações das exportações que, apesar do crescente aumento dos custos de

produção, da crueldade fiscal brasileira e das constantes oscilações dos preços de mercado, uma vez comparadas com outras "commodities" a produção de pimenta-do-reino é ainda um negócio atrativo no Brasil.

Contata-se que, apesar do bom desempenho histórico da atividade pimenteira, há um importante fator de risco que pode comprometer a pauta das exportações brasileiras: a incerteza quanto à regulamentação internacional de normas de qualidade do produto. Outro fator de risco é a constante flutuação da taxa de câmbio, que afeta toda a economia, tanto pelo seu nível valorativo, quanto pela sua incerteza.

Apesar das incertezas no mercado das commodities, pode-se concluir ainda que, historicamente os produtores de pimenta-do-reino no Brasil sempre demonstraram grande capacidade de competitividade internacional e muitas vezes conseguiram superar as sazonalidades e as flutuações de preços dos mercados em disputa. Entretanto, se o Brasil persistir numa atitude de omissão quanto a real e urgente necessidade de melhorar a qualidade da sua pimenta-do-reino, e considerando que a nova classificação da IPC será adotada como padrão pelos países importadores, sem dúvida o país terá que se enquadrar às normas e exigências internacionais, sob pena de perder parte substancial das suas cotas de exportação ao longo dessa década.

É incontestável que as ameaças competitivas estão por toda parte, e o Vietnã, sem dúvida está espreitando um vácuo de oferta para abocanhar as cotas das exportações do Brasil para a Europa e Estados Unidos.

Nesse aspecto pode-se afirmar que os mecanismos geradores de especulação também determinam a endogeneidade de variáveis complexas, tais como, a taxa cambial e o índice de preços das commodities. E compreende-se que a análise atenta das exportações e importações mundial de pimenta-do-reino, associada às análises das séries de preços dessas commodities, são de fundamental importância para uma estimação consciente dos coeficientes de interesse de um país produtor, sobretudo quando se considera as divergências de informações entre estimativas de safra e produção real.

Conclui-se por fim que, até para se manter as atuais plantas de produção e os atuais volumes de exportação de pimenta-do-reino, o Brasil precisa investir em pesquisas e no emprego de tecnologias eficientes e voltadas para a melhoria da qualidade da pimenta-do-reino exportada.

## REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Olinda. Uma reflexão do comércio internacional dos setores de carne de frango e de soja do Brasil e Mercosul. **Perspectiva Econômica**, v. 2, n. 2, p. 15 - 36, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.perspectivaeconomica.unisinos.br/pdfs/57.pdf>> Acesso em: 20/02/2010.

BURNQUIST, H. L.; SILVEIRA, L. T. Uma análise da competitividade brasileira no mercado internacional de açúcar. In: 42º Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2004, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: SOBER, 2004. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/03O173.pdf>> Acesso em: 20/02/2010.

CÂMARA, Juliano João Romcy. **Mercado de pimenta faltam compradores.** Disponível em: <<http://www.amberwoodtrading.com/Registered/NewsArticles.aspx?CommodityGroups=Spices&Period=March%202009>>. Acesso em 15/12/2009

CONCEIÇÃO, J. C. P. R.; GASQUES, J. S. **Indicadores de competitividade e de comércio exterior da agropecuária brasileira.** Texto para Discussão nº 908, Brasília: IPEA, Set. 2002. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/pub/td/2002/td\\_0908.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/td/2002/td_0908.pdf)> Acesso em: 20/02/2010.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. **Trade Stat, Crop and Livestock Products.** Disponível em: <<http://faostat.fao.org/site/535/default.aspx#ancor>>. Acesso em: 17/12/2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

HIDALGO, Álvaro Barrantes. Exportações do Nordeste do Brasil: crescimento e mudança na estrutura. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 31, n. especial, p. 560-574, nov. 2000.

HOMMA, A. K. O.; FERREIRA, C. A. P.; DUARTE, M. L. R. **Sistema de produção da pimenteira-do-reino – Mercado e comercialização.** Brasília: Embrapa, ISSN 1809-4325. Versão Eletrônica, Dez./2005. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Pimenta/PimenteiradoReino/paginas/mercado.htm>> Acesso em: 15/07/2009.

HOMMA, A. K. O.; SANTANA, A. C.; FILGUEIRAS, G. C.; SANTOS, M. A. S.: **Fontes de crescimento da produção de pimenta-do-reino no estado do Pará no**



**período de 1979 a 2001.** Biblioteca virtual do Banco da Amazônia, 2003. Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/bancoamazonia2/includes/institucional/arquivos/biblioteca/artigos/economiaregional/Pimentadoreino.pdf>> Acesso em: 14/07/2009.

INTERNATIONAL PEPPER COMMUNITY - IPC. **World pepper consumption is growing.** Disponível em: <http://www.ipcnet.org/index.php?p=ndetail&id=140&act=new>> Acesso em: 20/09/2009.

LAFAY, G. *et al.* **Nations et mondialisation.** Paris: Economica, 1999. p. 67-334.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – MAPA. **Brazil county paper.** In: 37ª Sessão da Comunidade Internacional da Pimenta do Reino, Belém-PA, 2009.

MATHIS, J. **Compétitivé et élasticités du commerce extérieur.** Paris: Centre d'Études de Dynamiques Internationales, Jan. 1990.

NACIF, A. M. P.; MARTINS, E. V.; FILGUEIRAS, G. C.; LEITE, P. A. A. **Plano de Desenvolvimento sustentável da Amazônia Legal:** Estudos diagnósticos setoriais – PDSA 2005-2008. Agência de Desenvolvimento da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Organização dos Estados Americanos. – Belém: ADA, 2005. Disponível em: [http://www.ada.gov.br/biblioteca/publicacoes\\_2006/prod\\_rural\\_empres\\_familiar.pdf](http://www.ada.gov.br/biblioteca/publicacoes_2006/prod_rural_empres_familiar.pdf)> Acesso em: 20/02/2010.

NONNENBERG, M. J. B.; DAVID, M. B. A. **Mercosul:** integração regional e o comércio de produtos agrícolas. Texto para Discussão nº 494, Rio de Janeiro, 1997.

SILVA, Etevaldo Almeida. **Competitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do Ceará e do Brasil de 1998 a 2004.** Fortaleza, 2006.

SILVA, Valquiria da *et al.* Indicadores de competitividade internacional dos produtos agrícolas e agroindustriais brasileiros 1986-1998. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 48, n. 01, p. 69-88, 2001.